

CONSTRUÇÃO ÉTICA E MORAL DAS PERSONAGENS EM *THE ENGLISH*

PATIENT, MICHAEL ONDAATJE

Elizabeth Harkot-de-La-Taille (PUC-SP) *

Andreia Afonso (PUC-SP) **

Este trabalho insere-se num projeto de pesquisa mais amplo, desenvolvido na PUC-SP, vinculado ao grupo de pesquisa “Discurso, Identidade e Cultura”(CNPq), sobre o estudo das paixões, em obras literárias, na base da construção, veiculação, manutenção e defesa da imagem de si de personagens. Mais especificamente, os dados aqui apresentados decorrem do desenvolvimento do plano de trabalho “As paixões na construção da imagem pessoal em Michael Ondaatje”, no momento, em execução, sob responsabilidade das autoras deste texto.

Identidade

A questão que norteia a presente análise, pela perspectiva da semiótica discursiva (*greimasiana*), é relativa às *formas de construção da identidade dos sujeitos*, identidade essa tão evocada, nos tempos atuais, quanto pouco delimitada. Defendemos que a ampla e irrestrita utilização da noção de identidade, mesmo se aponta para uma crescente conscientização das necessidades de seu estudo, tem contribuído mais para uma “con-fusão”(da etimologia, “fundir junto”) de noções complementares do que para uma melhor compreensão do objeto.

Estamos com Mandoki (2003, 2)¹, ao defender que:

“...La identidad se constituye por la pertenencia a una familia, a una etnia, profesión, nación, religión e incluso por el mantenimiento o destrucción de una reputación personal y por las obras que uno realiza a lo largo de la vida. Las identidades pueden ser personales o colectivas y con las que nos incorporamos a la sociedad. Son indispensables para la supervivencia social, como el caparazón del caracol para su supervivencia biológica.

(...)

La producción de la identidad es no sólo una actividad semiótica como despliegue de signos de quiénes somos, sino propiamente estética en cuanto a que implica un quehacer y una intencionalidad apuntadas hacia su valoración y apreciación por los otros. Como lo señalan Berger y Luckman (1986, 217) ‘la identidad es un fenómeno que surge de la dialéctica entre el individuo y la sociedad’ y no un acto aislado o pre-establecido. La identidad se construye por actos de enunciación e interpretación que son

*Professora Associada da PUC-SP, com apoio de bolsa horas-pesquisa Doutor, CEPE, PUC-SP.

** Aluna do curso Letras: Inglês, da PUC-SP, com apoio de bolsa PIBIC-CEPE, PUC-SP.

¹ MANDOKI, Katya. “Aspectos conceptuales para el análisis semiótico de las identidades: las tres fases de la subjetividad”, trabalho inédito apresentado no II Congreso y V Coloquio de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso, (27-31/10/2003), Puebla, México.

tanto performativos al trascender de la palabra al acto para ser valorada y apreciada positiva o negativamente por los otros”.

Paixões

A preocupação crescente com a questão da identidade encerra, portanto, uma problemática de difícil delimitação. Logo, optamos por um recorte, que, sem ser exaustivo, permite revelarem-se indícios fortes dos valores assumidos, na construção das imagens de si, em determinadas manifestações discursivas: a análise, em *The English Patient*, de cenas veiculando o efeito de sentido de vergonha, honra ou orgulho. A delimitação das paixões deveu-se a estudos anteriores (Harkot-de-La-Taille², 1999, 2001, 2002 e 2003; Harkot-de-La-Taille & La Taille³, *no prelo*, e La Taille⁴, 2002), em que tais paixões mostraram-se marcadores privilegiados do jogo de tensões estabelecido entre sujeito (ou personagem) e coletividade, em torno da identidade do primeiro. Na instauração dessas paixões, articuladas a outras paixões menos enfatizadas, obtém-se uma “radiografia” dos objetos de valor, tidos como positivos ou negativos, na veiculação de imagens de si do sujeito, diante da forma de seu acolhimento, pela coletividade.

Tal recorte apresenta a vantagem de nos permitir inserir a dimensão ética, na discussão da identidade, na medida em que os valores assumidos pelo sujeito traduzem uma intencionalidade, relativa a “como ser”, na coletividade, e não apenas a um “parecer ser”, uma identidade de fachada, sem ressonância interna.

Assim sendo, podemos inferir indícios dos “ideais de felicidade”, de uma personagem, a partir do gozo (orgulho), satisfação (honra) e dor (vergonha) provocados pela resposta social a imagens de si veiculadas, no discurso, a cuja articulação chamamos identidade.

² HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. *Ensaio semiótico sobre a vergonha*. São Paulo, Humanitas, 1999.

_____. “Vergonha, orgulho e honra nos contos de Margaret Atwood” In *Claritas*, São Paulo, v.7, p.09-31, 2001

_____. “A formação, a mudança e a identidade – a identidade em transformação.” In: GIMENEZ, Telma, *Ensinando e aprendendo inglês na universidade: formação de professores em tempos de mudança*. Londrina, ABRAPUI, 2003.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. & FERREIRA, V. da C. “Vergonha, orgulho e honra em Alice Munro e em de Margaret Atwood” In: VI Congresso Internacional de Estudos Canadenses – Transculturalismos (2001) Porto Alegre. Anais - ABECAN, 2002.

Construção ética e moral

La Taille (2001, 69)⁵, aponta que a busca da felicidade pode ser sintetizada pela pergunta: “*Que vida vale a pena ser vivida?*”. Parece-nos que, se ideais de felicidade são formulados e assumidos, tanto ancorarão instaurações de vergonha, orgulho ou honra, quanto servirão de fundamento para a resposta de sujeitos à pergunta colocada. A essa pergunta, porém, o autor acrescenta uma segunda: “*Quem eu quero ser?*” e desenvolve três tipos de respostas possíveis, todas baseadas numa “*tendência natural de as pessoas procurarem ver a si próprias como valores positivos (superior, desejável, bom etc.)*” (Idem, *ibidem*,75). Num primeiro caso, sujeitos terão valores morais - aqueles aceitos e defendidos pela sociedade como relativos ao Bem -, como periféricos (por exemplo, quem quer ser reconhecido como famoso, bem-sucedido, poderá descartar valores morais, mesmo provisoriamente, para atingir seus objetivos). Num segundo quadro, sujeitos terão valores morais como centrais (preferem, por exemplo, perder um “bom negócio” a enganar outrem, para realizá-lo). Finalmente, um terceiro grupo pode ter valores morais como “antivalores” (por exemplo, ao considerarem o trabalhar por salário como coisa de “otário” e elegerem a violência como modo de atingir seus objetivos).

Logo, nem todo projeto de vida integra valores éticos. Chamamos de *projeto de vida ético* somente aquele tipo constituído por ideais de felicidade que assumem outrem como semelhante e pressupõem, por meio da ação do sujeito, na coletividade, a busca e a manutenção da dignidade própria e alheia.

Voltando o olhar ao campo da narrativa literária, passemos à articulação dos conceitos acima apresentados, na análise das paixões das personagens, em *The English Patient*.

³ HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. & LA TAILLE, Y. “A construção ética e moral de si mesmo”, *no prelo*.

⁴ LA TAILLE, Yves. *Vergonha: a ferida moral*. São Paulo, Vozes, 2002.

⁵ LA TAILLE, Yves. “A questão da indisciplina: ética, virtudes e educação”. In: DEMO, P. *Grandes pensadores em educação*. Porto Alegre, Mediação, 2001.

*The English Patient*⁶

O cerne deste trabalho pode ser resumido como uma investigação sobre o efeito de sentido *identidade*, inferido por paixões relacionadas às imagens de si que orientam o agir de cada personagem, e as conseqüentes possibilidades de estabelecer-se relações entre uma e outra(s) personagens. Tal visada permite-nos tecer considerações sobre “ecos” socioculturais que tais representações identitárias e relações sociais podem produzir, no universo não literário, de “carne e osso”, aquele em que se fazem as leituras do romance.

Feita a seleção e o recorte de cenas em torno do efeito de sentido de vergonha, orgulho e honra, verificou-se que as personagens principais poderiam ser compreendidas dentro de um quadro passional circunscrito, quase exclusivamente, a uma das paixões em pauta. Desse modo, efetuou-se uma reorganização dos dados, inicialmente centrados nas configurações passionais, independentemente de seu protagonista, para, num segundo momento, focalizarem-se as personagens e seus “estados de alma”. A nova organização das configurações passionais por protagonista possibilitou o agrupamento de dois pares de personagens, cada um sob o signo de uma mesma paixão determinante (orgulho ou honra) e outras, menos salientes, e do isolamento da última, marcada pela díade orgulho e vergonha. Tal agrupamento jogou luzes sobre os tipos relações estabelecidas, na narrativa, entre as personagens em foco, assim como permitiu considerações, por um lado, sobre as possibilidades de realização dos “ideais de felicidade” inferidos, na teia da narrativa, e, por outro, sobre sua construção ética e moral.

As cinco personagens focalizadas são: o Paciente Inglês⁷ (Almásy), Hana, a enfermeira, Caravaggio, o ladrão-espião, Kip, o desarmador de bombas, e Katharine, a amante adúltera, esta última em *flashback*, não presente no *locus* narrativo, a Villa San Girolamo, mas nas lembranças da personagem central, o Paciente Inglês.

⁶ ONDAATJE, Michael. *The English Patient*. New York, Vintage, 1996.

⁷ Em maiúsculas, por ser tomado como nome da personagem.

O par Paciente Inglês / Katharine, a partir das cenas analisadas, orienta suas ações predominantemente movido por **orgulho**, paixão que permeia e domina, principalmente, o relacionamento amoroso dos dois, tema em que vamos nos concentrar. Ambos se colocam totalmente voltados para si próprios, cada qual atrás de uma “parede pessoal” de proteção, sempre na desconfiança um do outro. Por não conseguirem “baixar a guarda”, mostram almejar, cada um, dobrar o outro em primeiro lugar, mantendo-se intacto, vencedor. Parece ser um “ideal de felicidade” de cada um submeter o outro à própria superioridade, na relação amorosa. Entretanto, dobrar o outro significaria cair numa relação dominador/dominado, em que ele ou ela não mais seria um objeto de valor especial, mas uma mera conquista realizada. Caem então numa cilada mutuamente exclusiva: cada um deles quer ser feliz com o outro, mas exige que o outro mude, para que isto aconteça; por outro lado, nenhum dos dois se deixa dobrar, por isso configurar uma abdicação do lugar pessoal seguro que arduamente defendem, motivados por desconfiança recíproca. O comportamento orgulhoso, focado no EU, de personagens em eterna luta, fica evidente em várias cenas, das quais destacamos: “*But now he cannot bear this wall in her. ‘You build your walls too,’ she tells him*” (Ondaatje⁸,1996,155) e, mais adiante, na cena de despedida dos amantes: “*I just want you to know. I don’t miss you yet*” (Paciente Inglês) “*You will*” (Katharine) (*Idem, ibidem*,158).

O plano do *querer* dessas personagens, atinente aos “ideais de felicidade”, esbarra também no fato de contrariar o plano do *dever* (projeto moral, social). O relacionamento deles pauta-se por um “dever não fazer”, do ponto de vista das regras de conduta social, por se tratar de adultério. Tanto Katharine quanto o Paciente Inglês parecem emaranhados na “*paranoia and claustrophobia of hidden love*” (*Idem, ibidem*, 238) e ambos vêem a si próprio e ao outro como traidores: “*I’m not the only betrayer*”, diz o Paciente Inglês para Katharine (*Idem, ibidem*, 238). Ele questiona se o relacionamento deles havia sido, simplesmente, uma traição a todos os que os cercavam (um “dever não fazer”), ou o desejo por uma outra vida

⁸ ONDAATJE, Michael, *op. cit.*

(correspondente ao plano do querer, dos “ideais de felicidade”). Há, portanto, um afastamento entre o plano do querer e o moral, já que o projeto de felicidade individual, além de insustentável, não coincide com o bem-estar do outro ou do grupo. Ao verem o outro como adversário de quem necessitam se defender, alimentam “ideais de felicidade” auto-excludentes e boicotam qualquer possibilidade de realização da relação amorosa, além do plano físico.

As personagens Hana e Kip formam outra dupla de perfis aproximáveis, porém, totalmente distintos dos da dupla anterior. Enquanto enfermeira, Hana volta-se para o cuidado com o outro, os soldados feridos, à beira da morte. Não se mostra totalmente abnegada, pois se irrita, por exemplo, pelo fato de ter fome e assistir aos soldados desperdiçarem comida ou não reconhecerem o esforço feito para que tenham o mínimo de conforto. Ao abandonar o exército para cuidar somente do Paciente Inglês, Hana rompe com as instituições e com a animalidade da guerra: soldados feridos e aos pedaços, a morte, o fato de sentir-se, contra sua vontade, como objeto de desejo sexual. Ela passa a querer, unicamente, ocupar-se do paciente sem nome. Com isso, fortalece seu projeto pessoal do cuidado para com o outro, enquanto ser humano, independentemente de seu lugar social. Além de o querer, ela parece crer que é isto que deve fazer. Aproxima o plano ético (projeto de felicidade) do moral. É tal aproximação que cria o efeito de sentido de **honra**: mostra-se igual a si mesma, serena e convicta, no cuidado com o outro. Por outro lado, o Paciente Inglês está morrendo, é quase etéreo; a morte do corpo parece representar o fim da agressividade e da rudeza: não haverá mais “cantadas”, nem comida cuspidas no chão. Porém, sua mente ainda é alerta; ele pode ser compreendido como detentor dos valores conhecimento, cultura, delicadeza, sensibilidade. O “projeto de felicidade” de Hana parece realizar-se na junção deste etéreo com o corpo jovem do indiano: *“She loves most the wet colours of his neck when he bathes. And his chest...and the dark, tough arms...”* (*Idem, ibidem*, 127).

Kip, por sua vez, associa-se à busca e manutenção do bem estar alheio, já que entra para a unidade de desarmamento de bombas, voluntariamente. É a mais coesa de todas as personagens, como veremos. Ele quer fazer o que crê dever fazer.

Ao ir para a Inglaterra, Kip assume como destinador o universo de valores ocidentais. Ele vê em seu mentor, Lord Suffolk, a própria síntese viva de um sistema de valores merecedor de respeito. Lord Suffolk é, para Kip, o melhor dos ingleses. Estabelece-se entre ambos um contrato de confiança: Lord Suffolk confia em Kip; Kip, crendo nessa confiança, sente-se aceito e confia em Lord Suffolk.

Entretanto, se a confiança de Kip em seu mentor e em seu sistema de valores parece inabalável, ele tem reservas em relação à colocação em prática desses valores, por parte da sociedade inglesa, em geral. Uma mostra dessa ainda insuspeita fissura no contrato de confiança transposto para a sociedade inglesa se dá ao ser surpreendido observando livros numa estante, pelo olhar sisudo da secretária de Lord Suffolk. Sente-se culpado, como se fora flagrado colocando um deles no bolso, e tal sentimento suscita a idéia de que os ingleses “*expect you to fight for them but won’t talk to you*” (*Idem, ibidem, 188*). Esta ambigüidade é apenas uma nuance, quando chega à Inglaterra e abraça os valores ocidentais. Ele crê fazer o certo, ao trabalhar ao lado das forças aliadas para desarmar bombas e minas deixadas pelos alemães. Entretanto, a fissura inicial passará a quebra do contrato de confiança, no dia em que as bombas atômicas são jogadas no Japão:

“ My brother told me. Never turn your back on Europe. The deal makers. The map drawers. Never trust Europeans, he said. Never shake hands with them. But we, oh, we were easily impressed – by speeches and medals and your ceremonies. What have I been doing these last few years? Cutting away, defusing, limbs of evil. For what? For **this** to happen?” (*Idem, ibidem, 284-5*)

Kip cai no desespero, conseqüência da manutenção do sistema de valores, com destituição do destinador (Greimas & Fontanille, 1991, 101)⁹, motivada pela assunção de que “*They would never have dropped such a bomb on a white nation.*” (Ondaatje, *op. cit.*, 286). Sente-se traído

⁹ GREIMAS, A. J. & FONTANILLE, J. *Sémiotiques des passions*. Paris, Éditions du Seuil, 1991.

e redefine seu projeto de vida. *“His name is Kirpal Singh and he does not know what he is doing here”* (Idem, *ibidem*, 287), diz, diante de uma foto de sua família. Volta para a Índia e se torna médico, resgatando o percurso em que o querer e o dever são indissociáveis. A coesão da personagem firma-se em que abandona ingleses e europeus, mas mantém-se fiel ao sistema de valores que, antes, acreditava vigorar na Europa: ao tornar-se médico, dedica-se à busca do bem estar alheio. Hana, que antes dele abandonara as instituições, para cuidar do paciente sem nome, permanece em seu pensamento, como *“a woman of honour and smartness [...] Ideal and idealistic”* (Idem, *ibidem*, 301), como a manifestação dos valores que ele compartilha e que o fazem vê-la acima dos europeus que conheceu: *“She has moved from being a young woman into having the angular look of a queen, someone who has made her face with her desire to be a certain kind of person”*. (Idem, *ibidem*, 300).

Finalmente, chegamos a Caravaggio, personagem cujos “ideais de felicidade” dissociam-se, irremediavelmente, de um projeto de vida ético. Ele é um ladrão, o que, do ponto de vista moral, está em conflito com plano do dever, e se orgulha por ser astucioso. Com o início da guerra, porém, roubar passa a ser aceitável, ou até mesmo moralmente defensável. Suas habilidades ilícitas oficializam-se e se torna espião. Entretanto, ao ser surpreendido e fotografado, sua astúcia não resiste à prova dos fatos: preso e torturado, tem os polegares das mãos amputados. Caravaggio carrega estampada, doravante, a marca física de seu fracasso. Ao perder os polegares, perde a imagem de astucioso, o orgulho de si e a coragem, conseqüentemente, instaura-se a vergonha das mãos amputadas, do fracasso e, no limite, do homem que se tornou. Estando na Villa com Hana, sem comida, Caravaggio quer e deve roubar, para comer, mas não consegue, não é capaz de fazê-lo. O resgate da auto-imagem de astucioso depende do resgate da coragem, que o permitiria superar a vergonha. Como seu erro foi ser descoberto, investe em descobrir que o Paciente Inglês é o Count Ladislau de Almásy, que Caravaggio perseguia à época de sua prisão. Estabelecendo a identidade do outro, volta a

ver-se como astucioso e readquire coragem – coragem para roubar – e reconstrói a própria identidade, em estado de relaxamento, que é o estado do sujeito em paz consigo mesmo.

Conclusões

Vimos que as personagens Paciente Inglês e Katharine são movidos pelo orgulho, tanto como auto-conceito elevado, quanto como orgulho ferido, e se concentram em seu próprio EU. Suas ações são condizentes com seu sistema de valores, em parte compartilhados pela sociedade a que pertencem, e visam apenas o plano do querer individual. As relações que estabelecem são instrumentais: o outro é visto como meio ou entrave para a satisfação do EU. As personagens Kip e Hana constroem um projeto de vida que integra valores morais, do dever para com o bem de outrem. Suas ações (enfermeira, desarmador de bombas- médico) significam para além de si, logo, podem ser compreendidas como integrando um projeto de vida ético. Estabelecem relações de cooperação, no tempo presente, e de permanência incólume, fiel, na memória; recusam relações instrumentais: Kip, diante da bomba atômica, revolta-se, percebe-se usado e volta à Índia, mantendo seus valores. São personagens associáveis ao efeito de sentido de honra. Finalmente, a personagem Caravaggio é movida por um querer contrário aos valores morais vigentes: orgulha-se por roubar, mas roubar é considerado imoral. Com a guerra, porém, roubar associa-se a um “dever”, para a vitória do “Bem”, o que o transforma em espião. Entretanto, o bem comum não lhe é um valor, já que não abraça causa alguma. Carregando a vergonha dos polegares amputados, tudo o que quer é recuperar sua auto-imagem. Estabelece relação objetual, com outrem – Almásy só importa enquanto desmascarado – ou relação nenhuma. É um átomo humano solto no universo, sem amarras, sem história. “*He is just a thief*” (*Idem, ibidem*, 251), como diz para si mesmo.